

Pós-Modernismo – Guimarães Rosa

Resumo

Considerado por muitos como o maior criador, em prosa, do século XX no Brasil e um dos maiores da cultura ocidental moderna, João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Estudou medicina e trabalhou no interior de seu estado como médico da Força Pública.

Conhecendo mais de uma dezena de idiomas, em 1934 prestou concurso para o Itamaraty, onde trabalhou como diplomata e como embaixador. Faleceu aos 59 anos, no Rio de Janeiro, três dias após sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Estreou com *Sagarana* (1946), que renova o conto brasileiro. Em 1956, aparecem as sete novelas poéticas de *Corpo de baile* e *Grande Sertão: veredas*, romance filosófico, mítico e poético, em que funde prosa e poesia, narrativa intensa e criação de ritmos, metáforas e alegorias.

Seus últimos livros compõem-se de histórias cada vez mais densas de poeticidade e simultaneamente mais breves. *Primeiras estórias* é um conjunto de contos nos quais as crianças, os velhos, os loucos - seres rústicos e em disponibilidade para a travessia existencial - vivem momentos de encantamento, de iluminação, de rara e ancestral poesia, que universalizam e reinventam literariamente o sertão, como ocorre em *Tutaméia*, *Estas histórias* e *Ave palavra*.

Em “O dorso do Tigre”, Benedito Nunes discorre sobre Guimarães Rosa e diz “Os espaços que se entreabrem, na obra de Guimarães Rosa, são modalidades de travessia humana. Sertão e existência fundem-se na figura da viagem, sempre recomeçada - viagem que forma, deforma e transforma e que, submetendo as coisas à lei do tempo e da causalidade, tudo repõe afinal nos seus justos lugares.” confirmando a complexidade das obras do autor.

Características das obras de Guimarães Rosa

- Regionalismo (universal: Sertão → mundo).
- Vasculha com profundidade a natureza humana, captando seus anseios, inquietudes e desejos.
- Dialeto mágico → reinvenção da linguagem.
- Reprodução da fala do Sertanejo.
- Sintaxe revolucionária.
- Uso de neologismos.
- Emprego de recursos poéticos (aliterações, assonâncias, ritmo, rimas).
- Travessia: caráter concreto e simbólico (Sertão, Diabo, Amor, Medo).

Trecho de Grande sertão: veredas

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso - por estúrdio que me vejam é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela - já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo. Pois não é ditado: "menino - trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na, rua, no meio do redemunho...

Hem? Hem? Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mal haja-me! Sofro pena de contar

não... Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada - motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas - vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é? Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, carantonho, nas faces duma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse, roncar e engulir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo. Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas - que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo - que é só assim o significado dum azougue maligno - tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?!

Arre, ele está misturado em tudo.

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor - compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois - e Deus, junto. Vi muitas nuvens.

Trecho de A Terceira Margem do Rio

“Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: – “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: – “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.”

Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/a-terceira-margem-do-rio-conto-de-guimaraes-rosa/>

“Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”

Guimarães Rosa. Cadernos da literatura brasileira.

“Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? Este mundo é muito misturado.”

Guimarães Rosa.

Exercícios

1. O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance *Grande sertão: veredas*, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a):

- a) diário, por trazer lembranças pessoais.
 - b) fábula, por apresentar uma lição de moral.
 - c) notícia, por informar sobre um acontecimento.
 - d) aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.
 - e) crônica, por tratar de fatos do cotidiano.
2. A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora - o xixixi e o empapar-se da paisagem - as pestanas til-til. Porém, disse-se-dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: - "Tanto chove, que me gela!"

ROSA, J. G. "Partida do audaz navegante", *Primeiras estórias*.

Os diminutivos com que o narrador caracteriza a personagem traduzem também sua atitude em relação a ela. De que modo essa atitude pode ser identificada?

- a) Os diminutivos caracterizam a personagem tanto fisicamente, como subjetivamente.
- b) Não há um impacto sobre a personagem (quanto aos diminutivos), mas sim em relação ao cenário.
- c) Os diminutivos desenvolvem um papel essencial para a escrita do trecho, uma vez que são eles parte de uma característica marcante do autor.
- d) Parte de um regionalismo, os diminutivos competem uma construção de um cenário distante do urbanizado.

3. As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

“Um boi preto, um boi pintado,
Cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
De mostrar o seu amor.”

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando ...
Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito ...
Vai, Vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando ... “

Todo passarinh’ do mato
Tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
Não carece ter rompante ...”

O trecho anterior integra o conto O Burrinho Pedrês, da obra Sagarana, escrita por João Guimarães Rosa. Dele é correto afirmar que

- a) escreve o movimento agitado dos bois por meio de uma linguagem construída apenas pelo emprego abusivo de frases nominais e de gerúndios.
- b) apresenta um jogo entre a forma poética e a prosaica e, em ambos os gêneros, é possível constatar a presença de ritmo marcado pelo uso de redondilhas.
- c) há presença significativa de figuras sonoras como as aliterações que emprestam ao texto ritmo duro e pesado, impedindo a musicalidade e o lirismo próprios da arte popular.
- d) há uma mistura de textos narrativos e textos poéticos que quebra a sequência do conto e oferece ao leitor um texto de duvidosa qualidade estética.

4. O trabalho com a linguagem por meio da recriação de palavras e a descrição minuciosa da natureza, em especial da fauna e da flora, são uma constante na obra de João Guimarães Rosa. Esses elementos são recursos estéticos importantes que contribuem para integrar as personagens aos ambientes onde vivem, estabelecendo relações entre natureza e cultura. Em Sarapalha, conto inserido no livro Sagarana, de 1946, referências do mundo natural são usadas para representar o estado febril de Primo Argemiro. Com base nessa afirmação, assinale a alternativa em que a descrição da natureza mostra o efeito da maleita sobre a personagem Argemiro:
- a) “É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão.”
 - b) “Olha o rio, vendo a cerração se desmanchar. Do colmado dos juncos, se estira o vôo de uma garça, em direção à mata. Também, não pode olhar muito: ficam-lhe muitas garças pulando, diante dos olhos, que doem e choram, por si sós, longo tempo.”
 - c) “É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapana mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez.”
 - d) “Estava olhando assim esquecido, para os olhos... olhos grandes escuros e meio de-quina, como os de uma suaçuapara... para a boquinha vermelha, como flor de suinã...”
 - e) “O cachorro está desatinado. Pára. Vai, volta, olha, desolha... Não entende. Mas sabe que está acontecendo alguma coisa. Latindo, choramingando, chorando, quase uivando.”
5. A respeito de Guimarães Rosa é correto afirmar que:
- a) transmitiu ao nosso regionalismo valores universais, ao abordar dúvidas do próprio homem, numa linguagem recriada poeticamente.
 - b) continuou a tradição das obras regionalistas anteriores, especialmente as do ciclo da cana-de-açúcar, que denunciam a injustiça social.
 - c) foi mais valorizado como poeta, pela retomada dos recursos expressivos da língua, com sua linguagem plena de sonoridades e figuras literárias.
 - d) retomou a influência científica e a linguagem objetiva e enxuta de Euclides da Cunha, autor de Os sertões, para explicar a psicologia do sertanejo.
 - e) foi um autor de vanguarda que procurou mostrar as várias regiões do país, a partir de uma visão subjetiva e extremamente poética.

6. O leitor brasileiro que porventura entrar em contato com a arte de Guimarães Rosa através de Primeiras Estórias inevitavelmente haverá de experimentar um choque, devido à agressiva novidade de estilo, à qual os leitores antigos do autor se vêm habituando progressivamente (falamos no leitor brasileiro, porque o estrangeiro, que a conhecer através da tradução, terá forçosamente sob os olhos um texto atenuado e filtrado, adaptado pelo tradutor aos padrões existentes da língua acolhedora).
- Lembre-se de que o autor fez sua aparição na literatura como escritor regionalista. Não adotara, porém, nenhuma das três técnicas à disposição do regionalismo: servir-se da linguagem regional indistintamente em todo o livro, restringi-la à fala das personagens, ou substituí-la integralmente por uma linguagem literária, convencional. A quarta solução, adotada por ele, consistia em deixar as formas, rodeios e processos da língua popular infiltrarem o estilo expositivo e as da língua elaborada embeber a linguagem dos figurantes. Disse língua elaborada e não culta: Guimarães Rosa, conhecedor dos mais profundos do idioma, não se satisfaz em explorar-lhe todo o tesouro registrado e codificado, mas submete-o a uma experimentação incessante, para testar-lhe flexibilidade. Daí um estilo personalíssimo, que das obras de caráter regionalístico se alastrou por toda obra de ficção de nosso autor, e até por suas raras produções ensaísticas. [...]

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. XI-XII. (Fragmento) "

De acordo com o texto, assinale a alternativa INCORRETA.

- a) Em: "...não se satisfaz em explorar-lhe todo o **tesouro registrado e codificado**, mas submete-o a uma experimentação incessante ...", na expressão em negrito, Rónai está se referindo ao emprego dos vocábulos da língua dicionarizados.
- b) Deduz-se do excerto que a obra de Guimarães requer uma leitura mais atenta, em virtude da atualização de variedades linguísticas socialmente estigmatizadas.
- c) Ao frisar que Guimarães empregava "língua elaborada e não culta", Rónai corrobora a máxima do choque estilístico que as obras de Guimarães suscitam.
- d) O segmento parentético no primeiro parágrafo é uma forma de encaixamento que, todavia, não compromete o fluxo da exposição.

O fragmento textual que segue, retirado da narrativa A terceira margem do rio, de João Guimarães Rosa, servirá de base para as questões 7 e 8.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: **e o rio-rio-rio — o rio — pondo perpétuo** [grifo nosso]. Eu sofria já o começo da velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais.

De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar o vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

7. No quadro do Modernismo literário no Brasil, a obra de Guimarães Rosa destaca-se pela inventividade da criação estética. Considerando-se o fragmento em análise, essa inventividade da narrativa roseana pode ser constatada através do(a):
- a) recriação do mundo sertanejo pela linguagem, a partir da apropriação de recursos da oralidade.
 - b) aproveitamento de elementos pitorescos da cultura regional que tematizam a visão de mundo simplista do homem sertanejo.
 - c) resgate de histórias que procedem do universo popular, contadas de modo original, opondo realidade e fantasia.
 - d) sondagem da natureza universal da existência humana, através de referência a aspectos da religiosidade popular.
8. Pode-se afirmar que, na expressão em destaque no fragmento textual, a manifestação da função poética da linguagem evidencia o dinamismo do tempo.
Esse dinamismo é representado por
- a) ritmo cadente e neologismo.
 - b) assonância e reiteração de vocábulo.
 - c) onomatopéia e uso de metáfora.
 - d) efeitos de eco e uso de metonímia.

9.



ROSA, R. Grande sertão: veredas: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (adaptado).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

10. Leia o texto a seguir e responda à questão.

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é o ditado: “menino — trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho...

Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.

A fala expressa no texto é de Riobaldo. Como é o diabo, de acordo com o narrador?

- a) Real
- b) Uma personificação da sociedade doente.
- c) Um estado de espírito, uma vez que ele regula a sociedade.
- d) Ele é coadjuvante no trecho supracitado, sendo um lado de duas vertentes.
- e) n.d.a

Gabarito

1. **D**

O desabafo de Riobaldo se aproxima de um aforismo, que é uma máxima que enuncia através de poucas palavras uma regra, por expor e sintetizar sua vida em oposições como “esquenta e esfria”.

2. **A**

Os diminutivos caracterizam a personagem tanto fisicamente (ela era 'pequena'), como subjetivamente, indicando o afeto que o narrador nutria por ela.

3. **B**

João Guimarães Rosa, assim como muitos autores do conceito pós-moderno, buscou utilizar a complexidade entre prosa e poesia em algum de seus contos, como o caso do trecho destacado. Sendo característica estrutural da escola literária, os parâmetros de métrica, rima e musicalidade podem (ou não) estar presentes.

4. **B**

Para Guimarães, a interação do personagem-natureza torna-se única, de modo que um só poderá ser resultado do ambiente que lhe acolhe. Dessa forma, o espaço de fauna e flora, para o autor, é uma forma de reflexão do íntimo de cada personagem, fato que toca o leitor de modo a entender como única essa relação intrínseca.

5. **A**

A alternativa A, como explica o material de apoio, aborda as características principais do autor João Guimarães Rosa, uma vez que sua temática, apesar de trabalhar com o regionalismo (exemplo: sertão mineiro), abordava questionamentos inseridos em qualquer contexto do globo. Através de uma linguagem simples e revolucionária, o autor pós-moderno abordou temáticas sobre o homem, a vida e sua existência.

6. **A**

Segundo a leitura do texto, é possível perceber que o entendimento de João Guimarães Rosa requer extrema atenção pelo seu forte contato com a diversidade linguística, regional e cultural. Desse modo, a alternativa A faz-se incorreta.

7. **A**

Como já mencionado anteriormente, a linguagem usual e inovadora de Guimarães Rosa trouxe uma nova perspectiva ao cenário moderno. Desse modo, é estabelecida essa como uma de suas principais características.

8. **B**

Parte da prosa Roseana é evidenciada através do alto uso de figuras de linguagem que irão exacerbar o conteúdo da língua, em relação ao cenário e aos personagens. Assim, a assonância se faz presente no trecho destacado, para ampliar os sentidos da palavra desejada.

9. **D**

A imagem ilustra de maneira expressiva a fala, potencializando o caráter dramático do episódio. Isso fica claro pelos tamanhos diferentes das figuras em função da narrativa.

10. C

De acordo com o texto, o diabo não é real, não é um ser, mas um estado de espírito. Ele não existe de forma autônoma, como fica claro no trecho: “Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. [...] Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo.”